

Alunos oriundos de escolas públicas: quais as suas dificuldades de permanência na universidade?

Rebeca Silva de Oliveira¹

Jeanne Barros Leal de Pontes Medeiros²

Resumo: Este artigo propõe discorrer acerca dos fatores que dificultam a permanência dos alunos universitários oriundos de escola pública no ambiente universitário. O trabalho foi oriundo da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Educação, e se deu na Universidade Estadual do Ceará com os alunos de diferentes semestres do curso de Ciências Biológicas. Por haver um grande debate sobre políticas públicas de acesso à universidade, o texto busca abordar a vida dos alunos que obtiveram êxito em entrar na graduação analisando como eles estão atualmente e como se sentem ao lidar com as dificuldades que enfrentaram ou que ainda enfrentam. A partir da metodologia de história de vida, por meio de entrevistas, concluiu-se que muitos alunos passam situações semelhantes, repetidas a cada semestre, mas que existe uma invisibilidade destes problemas dentro da instituição resultando na falta de apoio para os estudantes.

Palavras chave: permanência universitária, educação básica, políticas públicas, licenciatura em ciências biológicas, inclusão social.

1 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, beca.oliveira@aluno.uece.br;

2 Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, jeanne.pontes@uece.br;

Introdução

Sou aluna vinda de escola pública e durante minha trajetória escolar vivenciei diversas dificuldades como greves, carência de professores, atuação de bacharéis formados em áreas diferentes das disciplinas que lecionavam, falta de recursos para a alimentação dos alunos, e principalmente para a infraestrutura da escola (era comum a utilização de guarda-chuvas dentro de sala aula nos dias de tempestade), a dupla carga horária dividida entre o estudo e o trabalho durante o ensino médio e as dificuldades para me preparar para o Enem. Nesse contexto, a realização de passar na universidade pública acabou tornando-se uma surpresa, por ser um caso de exceção e não de regra.

O primeiro semestre do curso foi esclarecedor com relação às desigualdades sociais no ambiente universitário, uma vez que apesar das diferenças econômicas entre indivíduos, todos eram tratados como vindos de uma mesma realidade, sendo exigidos de forma semelhante com relação às demandas da graduação.

Por observar que existe recorrente debate em relação ao acesso dessas minorias à universidade, mas que não há uma preocupação com relação à situação desses estudantes após o ingresso na instituição, o presente trabalho surgiu com o objetivo de analisar os fatores que dificultam a permanência de alunos advindos de escolas públicas e como esses alunos se sentem a partir da experiência universitária.

Revisão Bibliográfica

A trajetória histórica da educação superior não é uma história à parte, integra o contexto socioeconômico e é determinado, em grande parte, por este. No Brasil, fica evidente que a educação superior sempre foi reservada para poucos. Teve seu início no Colégio dos Jesuítas na Bahia, que segundo Cunha (1980), era centrado nas chamadas humanidades (filosofia e teologia), já no princípio privilegiava a formação das elites sociais.

Os resultados de uma gênese repleta de desigualdades ainda são sentidos atualmente pois, desde o início da educação básica os alunos chegam em condições desiguais em decorrência das poucas oportunidades de acesso à Educação. Reconhecer a existência dessa desigualdade deve ser o ponto de partida quando se discute o que é uma escola de qualidade, caso contrário tem-se o que Bourdieu (2001) chama de “os excluídos do interior”,

o que significa que embora o aluno se encontre incluído no sistema escolar, há inúmeras dificuldades relacionadas ao processo de aprendizagem.

Ao longo de toda a sua história, de um modo geral, as universidades têm sido territórios ocupados pelas elites que possuem capital econômico, social e cultural, onde os mais ricos têm usufruído da universidade para certificar a posição que ocupam na estrutura social e ampliar o poder que, em geral, já exercem no corpo da sociedade, sendo estes desde a infância estimulados a ingressarem em universidades em busca de um título acadêmico.

O caminho de acesso à educação superior é repleto de barreiras. Alguns dos problemas que os alunos enfrentam para ingressar na educação superior são: número de vagas que não são suficientes para suprir a demanda; alto número de candidatos por vaga nos processos seletivos; rigor dos exames vestibulares, entre outros.

Para os estudantes de classes sociais menos favorecidas e os estudantes oriundos de escolas da rede pública, o acesso à escolarização no nível superior se torna ainda mais difícil. As dificuldades financeiras fazem com que esses estudantes foquem nos processos seletivos de instituições de ensino públicas. Ou seja, pela condição deficiente de sua formação primária e secundária, que, em comparação aos alunos de escolas particulares, situa-se, por vezes, em desvantagem qualitativa (ROSA, 2013).

A democratização do acesso à educação superior, voltado diretamente aos jovens de baixa renda, passou a ganhar visibilidade para os governos e para sociedade brasileira apenas recentemente, tendo como resultado a elaboração de políticas públicas de expansão e interiorização das vagas, assim como ações afirmativas voltadas aos grupos sociais mais excluídos. O primeiro Projeto de Lei (PL no 73/99) datado em 1999, foi submetido ao Congresso Nacional propondo a reserva de 50% das vagas das IES públicas para alunos provenientes de escolas públicas. O documento manteve-se em discussão ao longo de treze anos, até se transformar na Lei nº 12.711 (Lei das Cotas), sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff, em 29 de agosto de 2012 (NIEROTKA, 2015).

De acordo com Catani e Oliveira (2003) a respeito dos processos de seleção acredita-se que eles são, de modo geral, mediados pelo ideal meritocrático, das suas capacidades individuais, da igualdade de oportunidades e da livre concorrência. Desta forma, os que saem em vantagem são aqueles candidatos privilegiados socialmente, e que foram preparados desde a base, aqueles que tiveram oportunidades educacionais.

O acesso ampliado à universidade exige que as instituições de ensino superior considerem a diversidade cultural em todos seus processos, de

modo a possibilitar a permanência desses alunos, evitando a evasão (GISI, 2013).

Nessa perspectiva, democratizar o acesso à universidade pública implica não apenas expandir as oportunidades de acesso, mas também possibilitar que a população carente de recursos financeiros e culturais (alunos que necessitam de apoio para moradia, alimentação, renda, por meio de bolsas e outros auxílios) ingressem na educação superior e permaneçam nela até a conclusão de seus cursos de graduação (PANIZZI, 2004).

A evasão estudantil no ensino superior é um problema que afeta o resultado dos sistemas educacionais. As perdas de estudantes que iniciaram, mas não concluíram seus cursos resulta-se em diversos desperdícios como: sociais, acadêmicos e econômicos. No setor público, são recursos públicos investidos sem o retorno esperado. E no setor privado, é uma importante perda de receitas. Em ambos os casos, a evasão é uma fonte de inatividade de professores, funcionários, equipamentos e espaço físico (SILVA FILHO et al., 2007, p. 02).

Assim, o processo de evasão é reflexo de uma sucessão de acontecimentos que atravessam a vida acadêmica dos estudantes e por mais que o ato de evasão seja uma decisão individual de cada aluno, é preciso refletir sobre situações que ao abandono da vida universitária.

As justificativas para a evasão são amplas e podem estar relacionadas a características individuais, tais como: interesses, sentimentos, expectativas, ou como características sociais como: condições de vida, trabalho, família e experiências acadêmicas. Esses fatores podem se manifestar isoladamente ou em conjunto de muitos deles. Portanto, não há um único fator ou motivo que pode ser declarado como justificativa para a evasão. Daí vem a necessidade de investigar quais são as reais causas que levam os alunos a abandonarem o curso superior (LIMA; OSTERMAN, 2010).

Diante das evidências expostas o presente trabalho buscou compreender a realidade do acesso e permanência de estudantes em uma universidade pública estadual brasileira, por meio da escuta de alunos matriculados em um Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com alunos de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com o intuito de produzir dados sobre os significados produzidos a partir das experiências vividas pelos

alunos advindos da escola pública quanto ao acesso à vida acadêmica e a forma como lidam com essa experiência.

Para a realização da pesquisa optamos pela história de vida enquanto caminho metodológico pertencente ao campo qualitativo. A metodologia busca alcançar através de relatos/narrativas, a interpretação feita pela própria pessoa referente ao seu percurso traçado durante a vida, levando em consideração a diversidade de sentimentos, experiências, contextos, circunstâncias, assim como o convívio com diferentes sujeitos e instituições (AMADO, 2009).

Para Nogueira (2004) o estudo sugere uma escuta atenciosa e participativa, construindo uma cumplicidade entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Assim como a capacidade de demonstrar interesse, respeito e empatia pelo o que está sendo relatado. Procurando sempre a flexibilidade, compreensão, e acima de tudo, a disposição para escutar (MENEGHEL, 2007). Foram entrevistados quatro estudantes dentre o primeiro e quartos semestres do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, oriundos de diferentes escolas públicas. Seguindo a direção de Chase (2005) ao pontuar que a história de vida contempla menor número de sujeitos pesquisados em relação aos outros métodos qualitativos.

A análise buscou percepções recentes e significativas na memória dos estudantes. Os entrevistados tiveram a liberdade de conversar livremente quanto sua história pessoal e puderam retratar com riqueza de detalhes suas experiências vividas dentro da universidade.

Para tanto, foram realizadas cinco perguntas que nortearam o momento das entrevistas, que por meio de gravação foram transcritas nas quais pontua-se: "Quais as dificuldades no acompanhamento do conteúdo estudado na universidade comparando ao ensino médio? Como o fator econômico influencia em sua jornada acadêmica? Como o apoio familiar contribui nas decisões sobre entrar e permanecer em uma universidade? Existe dificuldade em se sentir pertencente aos grupos sociais com outros alunos? Como as dificuldades de permanência no curso intervêm emocionalmente e psicologicamente no seu cotidiano?". Uma vez examinadas as falas dos sujeitos, foram constituídas as categorias analisadas a seguir. Todo o processo foi realizado com a concordância dos participantes, através da assinatura de Termo de Consentimento Livre Esclarecido, resguardando a garantia de anonimato dos participantes da pesquisa.

Resultados

A partir do que os sujeitos da pesquisa relataram foi possível classificar cinco categorias principais relacionadas à permanência de estudantes na universidade, que serão apresentadas e discutidas a seguir.

Desvantagens na base escolar

Os depoimentos apontam como relevante desafio enfrentado no desenvolvimento das disciplinas do curso, a defasagem na base de formação na Educação Básica, uma vez que os que os professores universitários tendem a ver os alunos igualmente, como se possuíssem as mesmas oportunidades de aprendizado, como indica A2 quando diz:

Eu acho que tem bastante diferença porque os professores daqui pressupõem que nós estudamos todo o conteúdo da base comum curricular do ensino médio, e em escolas públicas isso não acontece, então sentimos certa dificuldade pois há coisas que eles nos apresentam, como se já soubéssemos e já tivéssemos um conhecimento anterior sobre aquilo, e a acabamos não tendo (ALUNO 2).

Há uma grande desvantagem entre os alunos de escolas públicas e os de escolas particulares. Em termos de preparação para o vestibular, julgamentos são emitidos tanto por professores quanto por alunos, alegando as discrepâncias na classificação dos acadêmicos provenientes de instituições públicas, esses juízos servem como catalisadores para afastar do horizonte das camadas populares as vagas das universidades públicas (ALMEIDA, 2007). Porém, essa desvantagem perpetua-se também após os alunos entrarem na universidade, através das dificuldades enfrentadas por esses alunos, os afastando da conclusão do curso:

Esforço e êxito nas disciplinas

Os entrevistados relataram uma necessidade de um maior esforço tanto para a garantia do êxito e das boas notas, quanto para o entendimento e aprendizagem da disciplina. Os alunos narraram que por falta do conhecimento já visto antes na escola, era necessário estudar duas vezes mais conforme mostra a fala selecionada abaixo:

Eu precisava estudar muito, me esforçar muito para alcançar o que as outras pessoas já sabiam. (ALUNO 2)

Em conformidade com Viana (2000) o “êxito” escolar na trajetória dos alunos, não se construiu como um processo natural, mas sim como uma exigência, uma forma de superar as dificuldades e buscar um reconhecimento. Essa dedicação se constitui como uma forma de recompensar a sua presença no espaço universitário, e também o investimento e apoio recebido.

Alcançar objetivos propostos nas disciplinas torna-se para esses alunos, uma oportunidade de demonstrar que também são capazes. Através disso, eles procuram uma sensação de pertencimento no ambiente em que se encontram, para enfim se enxergarem como iguais aos outros estudantes.

Dificuldades econômicas

Um dos fatores mais destacados quando se fala de desistência e evasão da universidade é a questão econômica. Apesar do seu grande prestígio e distinção dentro do sistema de ensino superior brasileiro, a gratuidade se mostra o porquê de as camadas mais desfavorecidas possuírem “o grande sonho da universidade pública”. Devido à falta de condições de arcar com as mensalidades de instituições privadas, o ensino público constitui-se como único projeto possível no qual esses indivíduos poderão se apropriar (SAMPAIO, LIMONJI, TORRES, 2000), porém os resultados mostram que essa possibilidade também encerra inúmeros desafios e obstáculos como destacado nas falas dos sujeitos pesquisados:

Eu levo mais de uma hora para ir para a faculdade, e mais de uma hora para voltar. Esses fatores ligados ao econômico influenciam diretamente na minha disposição e no meu rendimento. Pessoas pobres precisam se esforçar muito para permanecer na universidade de forma minimamente digna. (ALUNO 3)

Hoje eu vou para a faculdade, eu não tenho dinheiro de passagem, meus pais não têm dinheiro também, eu já cheguei a pedir dinheiro emprestado a um vizinho para eu poder pagar a passagem. (ALUNO 1)

Muitas vezes eu não tinha o dinheiro da passagem e eu pedalava 6 km de bicicleta para ir a faculdade. (ALUNO 2)

Nós precisamos de acesso à tecnologia para fazer determinadas coisas e diferente de outros alunos que têm um nível social mais alto, às vezes meu celular quebra ou eu tenho um problema no notebook, e antigamente

a faculdade até dava um suporte, tinham computadores que podíamos usar, atualmente não podemos mais, chegamos lá e a porta da biblioteca é fechada. (ALUNO 4)

Assim como existem dificuldades materiais que incluem passagens e livros, também há as dificuldades simbólicas e culturais, que se mostram de formas sutis pois se ligam diretamente com a inserção acadêmica, nas quais se distribuem em falta de domínio de línguas estrangeiras para leitura de artigos, também, obstáculos ligados a uma base conceitual requerida para entender leituras ligadas às teorias científicas (ALMEIDA, 2007).

A rotina do universitário inclui arcar com os gastos de: transporte, alimentação, fotocópias, execução de trabalhos, materiais próprios do curso como os jalecos, vestimentas, acesso à internet apostilas e livros. Alunos com desvantagens econômicas precisam conviver diariamente com a falta de recursos, desencadeando muitas vezes faltas recorrentes nas aulas, não realização de trabalhos, perda de oportunidades, que podem por fim, desencadear a desistência do curso de graduação.

Apoio familiar

Os depoimentos mostram que o estudo é o modo pelo qual pode ocorrer algum tipo de mobilidade social e os pais, não desejando que os filhos possuam talvez o mesmo destino deles, incentivam seus filhos nas questões escolares e educacionais em geral. O apoio quando financeiro, pode custear cursos, despesas de transporte e alimentação. Os pais acreditam que seus filhos se desenvolverão através do conhecimento.

Os meus pais ficam muito felizes, falam para as pessoas sobre eu estar na faculdade, falam que vão trabalhar até mais tarde para poder pagar minha passagem e meu almoço, e eu vejo que eles estão se esforçando para mim, então eu preciso me esforçar também. (ALUNO 1)

Alunos que não possuem esse apoio familiar têm um índice de desistência muito maior, isso quando entram na faculdade. Muitas vezes eles são incentivados a arranjar emprego, tanto que sou o único que faço faculdade atualmente, de todos os alunos que estudaram junto a mim no terceiro ano. (ALUNO 2)

O apoio da minha família é essencial, os meus familiares me apoiaram bastante na questão de ingressar na universidade e "ser alguém na vida" (ALUNO 4)

Percebe-se que para todos os sujeitos pesquisados, houve apoio familiar que proporcionou uma estabilidade emocional. Em análise, esse apoio familiar pode significar uma ruptura no conceito de meritocracia, sendo essa rede de apoio essencial para a formação de condições necessárias para concretizar a educação do jovem (MAYORGA, SOUZA, 2012).

Dificuldades emocionais e psicológicas

Diante de todas as dificuldades destacadas anteriormente, geram-se consequências que afetam diretamente o emocional e o psicológico dos estudantes expostos a essa realidade. Vários estudos demonstram o quão difícil pode ser o processo de adaptação e de integração no ambiente acadêmico, muitas vezes resultando em elevados níveis de insucesso escolar e aumento de problemas que repercutem no desenvolvimento desses indivíduos (CUTRONA, 1982). Nessa direção, as falas "O que eu estou fazendo aqui?" Essa pergunta fica na minha cabeça (ALUNO 1) e "Em desistir eu penso sempre" (ALUNO 2) demonstram que a universidade se revela para esses alunos como um ambiente violento e que leva ao desestímulo.

Os discentes revelam também que os professores possuem dificuldades em enxergar seus alunos como seres humanos integrais, com vida e experiências complexas e que, em sua maioria, apenas espelham e repassam a realidade na qual eles também estão inseridos, realidade essa que aprenderam a aceitar.

O psicológico vai lá para baixo, até dormir mal às vezes acontece, por eu ficar pensando como eu vou recuperar essas notas, se eu vou reprovar logo no primeiro semestre. (ALUNO 1)

Esse relato corrobora com a hipótese de que a falta de confiança na capacidade e no desempenho na graduação, desencadeia uma tensão e estresse psíquico que, por sua vez, se manifesta no corpo chamado de distúrbios psicossomáticos. Percebe-se assim, a dificuldade que os estudantes possuem em lidar com as emoções e acima de tudo expressá-las através de atos e palavras, o que acaba se acumulando e se manifestando através de problemas no corpo (CERCHIARI, CAETANO, FACCENDA, 2005)

Conclusão

O presente estudo possibilitou compreender as dificuldades enfrentadas por alunos oriundos de escolas públicas em relação às desigualdades sociais e culturais existentes no contexto universitário e como enfrentam a permanência na universidade.

De modo geral, percebe-se que a maioria dos estudantes enfrenta dificuldades semelhantes e recorrentes, onde os mesmos são expostos a situações desafiadoras diárias, onde a desistência graduação se torna um caminho mais fácil.

Observa-se a falta de visibilidade com relação a essas questões; que a instituição não fornece o apoio suficiente para a permanência desses alunos; que principalmente os alunos com condição sócio econômica privilegiada conseguem atender com mais facilidade a demanda exigida pelos professores.

Percebe-se também que para os alunos vindos de escolas públicas a base familiar e o lugar onde encontraram suporte para superar as adversidades econômicas e emocionais.

A oportunidade de refletir sobre a permanência de alunos na Licenciatura despertou diversos sentimentos, uma vez que reflete minha própria experiência como aluna advinda da escola pública e têm como principal legado registrar a história de estudantes que lutam diariamente contra a invisibilidade universitária.

Agradecimentos e Apoios

Agradecimentos especiais aos estudantes que contribuíram ricamente com a pesquisa, e a supervisora deste trabalho pelo apoio e por acreditar na importância da temática discutida.

Referências

ALMEIDA, W. M. de. Estudante com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, Salvador, v.20, nº 49, janeiro/abril de 2007.

AMADO, J. Introdução à investigação qualitativa em educação. **Relatório para Provas de Agregação**, Coimbra, Portugal, 2009.

BOURDIEU, P. Escritos de educação. 3. Ed. Petrópolis: **Vozes**, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.711 em 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 30 ago. 2012.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. Acesso e permanência no ensino superior: capacidades, competição e exclusão social. In: **SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I.C. A. Políticas educacionais: o ensino nacional em questão**. Campinas: Papirus, 2003.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, Dec. 2005.

CHASE, S. Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices. In: DENZIN, Norman Kent. LINCOLN, Yvonna S. *The Sage handbook of qualitative research*. 3. ed. Thousand Oaks: **Sage Publications**, 2005.

CUNHA, L. A. A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas. Rio de Janeiro, RJ: **Civilização Brasileira**, 1980.

CUTRONA, C. E. Transition to college: Loneliness and the process of social adjustment. In **L. Peplau, & D. Perlman (Eds), Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy** (pp. 278-309). New York: Wiley-Interscience, 1982.

GISI, M. L. A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E O CARÁTER DE DESIGUALDADE DO ACESSO E DA PERMANÊNCIA. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, jan./abr. 2013.

LIMA JÚNIOR, P.; OSTERMANN, F. Contribuições da pesquisa em educação e em ensino de ciências para a compreensão da evasão no ensino superior: lacunas na pesquisa com respeito aos cursos de graduação em Física. **XII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, Águas de Lindóia, 2010.

MAYORGA, C.; SOUZA, L. M. de. Ação afirmativa na universidade: a permanência em foco. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 263-281, ago. 2012.

MENEGUEL, S. Histórias de vida- notas e reflexões de pesquisa. **Athenea Digital**, 12, 115-129, 2007.

NIEROTKA, R. L. Políticas de acesso e ações afirmativas na educação superior: a experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul. 2015. 179 f. **Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul**. Chapecó, 2015.

NOGUEIRA, M. L. M. Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida. 2004. 145 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004.

PANIZZI, W. M. A democratização do acesso à universidade pública. In: PEIXOTO, Maria do Carmo Lacerda (Org.). Universidade e Democracia: Experiências e alternativas para a ampliação do acesso à universidade pública brasileira. Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2004.

ROSA, C. de M. A política de cotas na Universidade Federal de Goiás (UFG): concepção, implantação e desafios. **Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Campus de Catalão**. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

SAMPAIO, H.; LIMONGI, F.; TORRES, H. Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro. Brasília: **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, 2000.

SILVA FILHO, R. L. L.; MOTEJUNAS, P. R.; HIPÓLITO, O.; LOBO, M. B. de C. M. A evasão no Ensino Superior Brasileiro. Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia. Fundação Carlos Chagas, **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez., 2007.

VIANA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. Em Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli, & Nadir Zago (Orgs.), **Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares** (pp. 45-60). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.